ABORDAGEM PRELIMINAR DO OBJETO NULO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA¹

Horácio Panzo Muenze Cabaco²

RESUMO

O português angolano é uma variação da língua que surge das experiências deste povo africano que foi colonizado pelos portugueses e, conseqüentemente, herdou a língua que atualmente é considerada oficial do país. Estima-se que cerca de 70% dos angolanos falam hoje o português e ao longo do tempo alguns fenômenos linguísticos manifestaram-se de forma diferente de outras variedades, dentre eles o objeto nulo, que é o assunto deste artigo. O objeto nulo é um fenômeno linguístico que ocorre no português, onde o objeto do verbo é omitido, mas seu significado ainda é compreensível devido ao contexto da frase. Apesar de as gramáticas convencionais não descreverem o objeto nulo, esse fenômeno ocorre entre os falantes angolanos. Vários pesquisadores brasileiros como Cyrino (1994), Denari (2013), Ferreira (2000), Amorim (2010) e tantos outros já estuda(ram) esse assunto, porém, no português angolano, ainda há poucas pesquisas relevante sobre o objeto nulo. Como forma de contribuir na descrição do português de Angola, apresentamos este estudo sobre o objeto nulo e suas características. Neste trabalho pretende-se reunir os conceitos de objetos nulos desenvolvidos por outros pesquisadores e fazer observações e análises de *corpus* do português de Angola, a fim de trazer uma visão mais abrangente das questões envolvidas na caracterização deste fenômeno.

Palavra-chave: língua portuguesa - gramática; língua portuguesa - variação - Angola; língua portuguesa - verbos.

ABSTRACT

Angolan Portuguese is a variation of the language that emerged from the experiences of this African people who were colonized by the Portuguese and consequently inherited the language that is currently considered official in the country. It is estimated that around 70% of Angolans speak Portuguese today, and over time some linguistic phenomena have manifested differently from other varieties, including the null object, which is the subject of this article. The null object is a linguistic phenomenon that occurs in Portuguese, where the object of the verb is omitted, but its meaning is still understandable due to the context of the sentence. Although conventional grammars do not describe the null object, this phenomenon occurs among Angolan speakers. There is already considerable research on the subject, but there is still no comprehensive research on the null object of Angolan Portuguese. As a way to contribute to the description of Angolan Portuguese, we present this study on the null object and its characteristics. This work aims to bring together the concepts of null objects developed by other researchers and to make observations and analyzes of corpora of Angolan Portuguese, in order to bring a more comprehensive view of the issues involved in the characterization of this phenomenon.

Keywords: Portuguese language - grammar; Portuguese language - variation - Angola; Portuguese language - verbs.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

² Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela UNILAB.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Angola, país africano, localizado na região austral do continente, foi colonizado por Portugal durante cinco séculos, mas somente no início do século XX os portugueses começaram a imigrar em massa para o território angolano, pois haviam perdido a colônia brasileira e sentiram a necessidade de explorar mais suas colônias africanas. Durante esse período, o país era constituído majoritariamente por portugueses e angolanos que eram divididos socialmente em angolanos civilizados e indígenas; os portugueses, por sua vez, dividiam-se em colonialistas (agentes da metrópole colonizadora) e colonos (instrumentos da colonização). Com o crescimento do número de portugueses no país, foram criadas políticas que beneficiavam os falantes da língua portuguesa e, como consequência, a partir de 1925-30 começaram a nascer os primeiros falantes nativos do português, descendente de angolanos assimilados (Mingas, 2000, p.44-50). Foi também neste período que muitos portugueses emigraram para os centros urbanos do país como Benguela, Luanda e Lubango. Diante toda opressão do colonizador, o povo angolano começou uma revolta em 1961 que culminou com a independência do país em 1975. O português ganhou status de única língua oficial de Angola.

O português angolano tem recebido atenção dos pesquisadores angolanos e de outros lugares, buscando refletir sobre as características gramaticais do português falado. A respeito do estado atual da língua portuguesa em Angola, Santana e Timbane (2021) afirmam que os pesquisadores se posicionam em dois lados opostos a saber:

Pesquisadores que defendem a autonomia do português angolano com relação ao português europeu e lutam pelo reconhecimento das características linguísticas da população angolana como legítimas até para a produção literária nacional. O outro grupo de pesquisadores recusa a existência da variedade do português angolano e defende a estrita observância das normas gramaticais do português europeu (Santana; Timbane, 2021, p177-178).

Assim, neste artigo buscamos trazer particularidades que mostram que o português angolano (doravante, PA) pode estar se distanciando do português europeu, considerado, até então, como padrão. Esse distanciamento pode ser percebido quando nos debruçamos sobre o objeto nulo (doravante, ON), que é um fenômeno sintático, no qual o objeto não é mencionado foneticamente – e nem

graficamente, quando tratamos de textos escritos – apesar de o verbo ser transitivo e exigir esse complemento.

O ON é um fenômeno que acontece de formas distintas nas línguas naturais. Segundo Jansen (2016), não ocorre de forma padronizada nas línguas românicas, é ausente nas germânicas, mas ocorre de forma constante nas línguas asiáticas. A autora ressalta que o ON é uma construção que já existia no latim clássico e é um assunto que já mostra uma certa tradição de estudos. No PA, ainda não verificamos estudos relacionados a esse fenômeno.

Para tanto, organizamos este trabalho da seguinte forma: na primeira seção caracteriza-se a metodologia; em seguida, apresenta-se os fenômenos linguísticos que mais se assemelham ao objeto nulo; na terceira seção, apontamos brevemente os estudos formais realizados acerca do objeto nulo do PB e PA; na quarta são descritos os aspectos dos objetos diretos nulos não referenciais e os de natureza pronominais do português angolano; e, na mesma seção, é abordado sobre o objeto indireto nulo. Essas abordagens são discutidas simultaneamente com a exposição dos dados coletados em entrevistas e pesquisas relacionadas a esse tema; por fim, as conclusões advindas da pesquisa desenvolvida e as referências encerram o trabalho.

2 METODOLOGIA

O nosso trabalho de pesquisa, inicialmente, é de caráter bibliográfico e aplicou-se a abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos principalmente por livros e artigos científicos (Gil, 2002, p. 44), razão pela qual fez-se leitura de diversos livros, teses e artigos que abordam o tema da pesquisa, inserido na área de morfossintaxe. Escolheu-se a pesquisa qualitativa porque neste trabalho não requeremos o uso de métodos e técnicas estatísticas.

Para a descrição do ON, foi necessária a seleção de vários *corpora* de transcrições orais do português angolano encontrado em teses, *corpus* disponibilizados em plataformas digitais e dados em artigos que contemplavam a temática (Manuel, 2015; Neves et al, 2023; Amorim, 2010; Inverno, 2005; Santana, 2021 e Denari, 2013). Esses trabalhos foram cruciais para a coleta de dados desta pesquisa.

Para identificarmos os objetos nulos nos *corpora*, foram necessárias muitas leituras e redobrada atenção. Para facilitar a coleta de dados, foi feita anotação de todos os verbos do *corpus* e em seguida observamos o comportamento dos complementos. Para os objetos diretos, a atenção foi voltada aos verbos transitivos direto, enquanto nos objetos indiretos a atenção era para os verbos bitransitivos. Essa análise minuciosa foi crucial para evitar erros e garantir a precisão dos dados coletados. Os dados do português de Angola que estão presente neste trabalho foram extraídos nas províncias de Luanda, Benguela e Lunda Norte.

Um dos desafios encontrados durante a pesquisa foi a dificuldade em notar os objetos nulos nas frases; pelo fato de o pesquisador ser falante do português angolano, algumas construções contendo ON não eram perceptíveis, ou seja, não se sentia falta dos objetos e foram necessárias várias releituras para ser encontrado o que se buscava. Essa foi uma das evidências que o ON está tão internalizado nos falantes do PA que já não é percebido como desvio da norma padrão. Outra dificuldade foi a escassez de trabalhos que abordam temas relacionados a este artigo. Além disso, há pouca divulgação das pesquisas sobre o português de Angola.

Os estudos científicos sobre o Português Angolano são, ainda, escassos. Em geral, o pouco que se sabe, sistematizados e fundamentados, resultam de trabalhos de fim de curso, ao nível da licenciatura, mestrado e doutoramento. Neste caso, o que é lamentável é que, na sua maioria, os autores não continuaram com os seus estudos após a obtenção dos seus títulos académicos, facto que justifica a dificuldade em encontrar material de referência para o estudo descritivo da variante culta nacional (Undolo, 2016 *apud* Neves *et al.*, 2023).

O objeto nulo pode ser difícil de se distinguir de outras construções sintáticas pois a diferença acaba sendo tão pequena que até alguns estudiosos acabam se confundido, eis alguns casos (Jansen, 2016, p. 6-12):

- A elipse parcial do predicado (elipse de VP) é uma construção na qual temos duas orações que têm em comum o mesmo verbo principal conjugado, o último é acompanhado de um advérbio “licenciador” que compara as duas orações, e sem um objeto direto na segunda oração.
O Pedro viu a Maria e a Ana também viu [a Maria].
O João tinha lido esses livros ao filho, e Maria também tinha.
- A elipse do complemento oracional (elipse sentencial) é quando se anula o complemento de um dos vários verbos provocando não só a falta do objeto, mas toda uma oração.
Assim deve ser por força, ainda que não queira [que assim deva ser].

- A resposta eco é também uma característica do português atual, em que uma resposta positiva normalmente não se dá com a palavra sim, como nas outras línguas românicas e as germânicas, mas repetindo o verbo na forma apropriada.
 Compraste o livro?
 Comprei.

3 BREVE ESTADO DA ARTE

O objeto nulo do português angolano, apesar de ter alguns estudos, é um campo da linguística sem muitos estudos realizados ainda, mas tem crescido o interesse por esse assunto. Por outro lado, no PB, as pesquisas já tomaram forma e caminham a passos largos e os resultados são facilmente encontrados em repositórios universitários ou em revistas acadêmicas. Dos estudos realizados sobre o objeto nulo da língua portuguesa, são apresentados aqui alguns autores que aborda(ra)m esse assunto:

- i) Cyrino (1994), uma das autoras que mais pesquisa sobre este assunto, apresentou em sua tese de doutorado um trabalho intitulado *O objeto nulo do português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Para a autora, o objeto nulo é um recurso linguístico que se refere a um elemento já mencionado, e cujo antecedente sempre faz referência a um sintagma nominal, seja no discurso anterior ou na situação (dêitico). Ela propôs que ON no português brasileiro é representado por um pronome que aparece na terceira pessoa, e é resultado de reconstruções quando seus antecedentes são [-específico] e [-animado]. Sua pesquisa reforçou que, desde o século XX, os clíticos neutros foram amplamente substituídos por ON, e outros clíticos de terceira pessoa também foram substituídos por pronomes tônicos;
- ii) Santana (2021), em artigo, cujo título é *a Variação no uso do objeto direto anafórico: Dados de Luanda-Angola*, fez uma sondagem da configuração das variantes no corpus da pesquisa que ainda está em desenvolvimento e apresentou resultados que indicam que 49% dos angolanos têm preferência pelo apagamento do objeto em relação aos 2% que utilizam o pronome lexical;

- iii) Neves *et al.*, (2023) no seu artigo com o título *O objeto directo nulo: subsídio para o estudo do português angolano*, trouxe uma abordagem muito prática sobre o funcionamento do objeto direto nulo no PA. Neste trabalho de pesquisa foi apresentado como os falantes angolanos constroem frases aceitáveis apesar de não realizarem o objeto e compararam ao Português Europeu que considera agramatical a ausência do objeto. Os autores afirmaram, hipoteticamente, que os falantes do português angolano não realizam o objeto por não terem interesse em retomá-lo ou consideram que a sua utilização é irrelevante para os seus objetivos comunicativos.

4 SOBRE OS OBJETOS NULOS

Diferente dos falantes de português, para os falantes de línguas germânicas e também de outras línguas românicas fica assim um vazio nos ouvidos e nos olhos quando há ocultação do objeto na frase, já que nessas línguas é necessário marcar a transitividade com um pronome, quando não há outro objeto direto na frase, nem outro artifício, é normalmente considerado agramatical (Jansen, 2016). Conforme diz Cyrino (1994) mencionando Kato (1991ab) o ON ocorre quando o falante escolhe a opção de silêncio em vez de completá-lo. Os exemplos abaixo mostram claramente que o falante do PA optou pelo silêncio porque além do contexto acarretar o sentido completo da frase, os objetos são mencionados anteriormente³:

1. PA: Esta zona vai ter dois hotéis. Diz-se que vão construir___ aqui na Nova Marginal
PB: esta zona vai ter dois hotéis. Diz-se que vão construir eles aqui na Nova Marginal
2. PA: Agora tenho de parar porque as mensagens continuam a cair. Não___ consigo ler
PB: Agora tenho de parar porque as mensagens continuam a cair. Não consigo ler elas
3. PA: Foi a primeira oportunidade que tive. Agarrei___
PB: Foi a primeira oportunidade que tive. Agarrei elas

Os verbos transitivos precisam de complemento para expressar o sentido completo da oração e em (1), (2) e (3), os verbos "construir", "conseguir" e "agarrar"

³ Extraído de Neves *et al.* (2023, p. 80 e 87) dados (3), (9) e (10), renumerados.

não possuem o sentido completo. Pois, em português, embora os antecedentes (dois hotéis, as mensagens e a primeira oportunidade) sejam mencionados no mesmo discurso, é necessário, pelo menos, substituí-los por pronomes acusativos. No exemplo acima é demonstrado como a realização do ON do PA, pode não funcionar em todas as variantes do português como é o caso do europeu.

5 ASPECTOS ESSENCIAIS DO OBJETO DIRETO NULO NÃO REFERENCIAL DO PORTUGUÊS ANGOLANO

O objeto direto nulo não referencial do PA apresentado por Neves et al (2023) é compreendido como a não realização fonológica do complemento direto por quaisquer dos seus elementos representativos. Este caso é o que a Cyrino (1994) considera ser um recurso da língua utilizado para se referir a um elemento mencionado anteriormente, ou seja, é a manifestação de um processo fórico.

Quanto aos antecedentes do ON, Omena (1978) mostra que na maioria das vezes, são seres [- animados] e [-específico] que se apresentam de modo abstrato, indefinido e coletivo. Cyrino (1994) aponta que o objeto nulo no PB ocorre com maior frequência quando o antecedente é [-animado]; para antecedentes [+animado], a preferência é o uso do pronome pleno; Duarte (1986) corrobora afirmando que a categoria vazia do ON funciona geralmente com antecedentes [-animados], por outro lado, quando o antecedente é [+animado] usa-se um pronome lexical pleno. No português angolano também se observou esses traços de animacidade e especificidade, tal como podemos ver abaixo⁴:

4. PA: O Angossat 2 está pronto para ser lançado na órbita. Vamos utilizar___ para melhorar os serviços de telecomunicações e não só.
5. PA: A Selecção Nacional para Amputados regressa amanhã ao país. Devemos homenagear___ com toda a honra que merecem.
6. PA: Este é um assunto que vamos voltar a abordar___ nos próximos serviços noticiosos.
7. PA: Quando fizemos amor às vezes fizemos___ por mera satisfação dos nossos desejos.

A luz da abordagem de Omena (1978) podemos enxergar que (6) e (7) têm antecedentes abstratos. A (5) corresponde a um antecedente coletivo e de (4), (6) e

⁴ Extraído de Neves et al. (2023, p. 80 e 87) dados (3), (9) e (10), renumerados.

(7) têm antecedentes [-animado] corroborando com Duarte (1978) e Cyrino (1994). Diferente dos objetos diretos preenchidos, como podemos enxergar acima de (4) a (7). O objeto nulo não referencial do português angolano encontra-se geralmente no meio das orações, tal como funciona no Português brasileiro, conforme afirma Cyrino (1994). Para a autora, os objetos diretos nulos aparecem no meio para não tomarem a posição de foco, o qual é o final da oração.

Para o falante do português angolano, o uso do acusativo é dispensável foneticamente, pois sem usá-lo o discurso se concretiza com êxito. Tal como no PA, Amorim (2010) considera que a diferença entre as frases com o objeto nulo do PB e as frases com pronome acusativo o são meramente lexicais, pois ambas são paralelas estruturalmente, conforme apresentado abaixo⁵:

8. PB: Comprei o livro e deixei___ na estante.
9. PB: Maria comprou o vestido, mas não usou___
10. PB: Esse livro, eu só encontrei___ na FNAC.

6 ASPECTOS ESSENCIAIS DO OBJETO DIRETO NULO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS ANGOLANO

O objeto nulo de natureza pronominal é uma construção linguística onde um objeto é referido por meio de um pronome. Sobre o objeto preenchido por pronome do caso reto, Ferreira (2000) considera que o objeto direto nulo do PB é um pronome sem traço de caso. Isso significa que o objeto nulo representaria a mesma função sintática (objeto direto) que esses pronomes, mas sem a necessidade de sua expressão explícita.

As pesquisas de Inverno (2005), realizada no Dundo, província da Lunda Norte, mostrou que os pronomes clíticos de objeto direto, “o, a, os, as”, são muito raros no português vernacular de Angola. Estes são sistematicamente substituídos pelas formas pronominais de sujeito do PE eu, tu, eles, elas ou pela forma clítica de objeto indireto lhe, como é possível verificar em⁶:

⁵ Extraído de Amorim (2010, p. 57 e 61) dados (36a) e (a) e (b) renumerados.

⁶ Os dados (11) e (15) foram extraídos de Manuel (2015, p. 99 e 122), nos anexos;

O dado (12) foi extraído de Santana (2021, p. 8) renumerado em (2);

Os dados (13) e (14) foram extraídos de Inverno (2005, p.9) renumerados em (28) e (29).

11. PA: Minha filha tem me dado uma vontade enorme de viver, tem me dado uma felicidade enorme que é augo, é augo que eu não consigo explicar (...) eu amo **ELA**
12. PA: - Qual é o nome da planta?
- Welwitschia mirabilis. É uma planta que eu aprendi desde a 1ª, 2ª classe e com meus 18 anos, quando viajei com meus pais, pude ver **ELA** frente a frente.
13. PA: Deixa ele falar⁷.
14. PA: É uma sigla porque lemos-lhe letra por letra.
15. PA: Eu lis⁸ fortaleço exatamente para seguirem em frente.

Conforme mencionado por Inverno, no português angolano, como pode ser observado em (14) e (15), o pronome *lhe(s)* é utilizado para se referir ao objeto direto, apesar de a gramática normativa do português prescrever que esse pronome somente deve ser usado nos casos de objeto indireto.

Na primeira frase (11), "ela" é um objeto nulo de natureza pronominal que substitui o objeto direto "filha". O contexto da conversa ou a estrutura gramatical da sentença ajudam a identificar que "ela" se refere a sua filha sem a necessidade de repetir a palavra "filha" explicitamente e essa abordagem vale também para (12) e (13).

Esse tipo de construção é comum em línguas onde a omissão do complemento é permitida e compreensível com base no contexto, principalmente no PB. A presença de objetos nulos de natureza pronominal contribui para a economia linguística e dinamiza a comunicação, permitindo que informações sejam transmitidas de forma mais concisa e eficiente conforme em Marroquim (1934):

O autor ressalta que o uso do acusativo na pronúncia brasileira ainda está enfraquecido, fazendo com que algumas frases comuns fiquem obscuras ou ambíguas, como: *vi-o, vi-a, eu o vi, ouvi-o, ouvi-a, eu o ouvi*. Ungido pela lei suprema da linguagem, que é a clareza, remove o povo da dificuldade lançando mão por instinto ou ativismo do uso arcaico do pronome reto: *vi elle, vi ella, ouvi elle, ouvi ella, eu ouvi elle*." (Marroquim, 1934, p. 179, grifos do autor).

Tal como enfatiza o autor no PB, os falantes de PA também evitam usar o caso acusativo, preferindo o pronome "ele" em casos em que os antecedentes são [+animado] e [+específico] como em (11), (12) e (13). De acordo com a gramática normativa, o pronome oblíquo "ele" como objeto direto, sem ênfase ou precedido de "todo" ou "só", geralmente não é usado na linguagem formal escrita do português

⁷ No PE seria: "deixe-o falar". O pronome "ele" se refere a alguém que deseja se expressar.

⁸ *Li(s)* é mesmo que *lhe(s)*

moderno, como descrito por Bechara (2019). Esse é um sinal claro que a língua não é estática e que o português está mudando. Durante a análise dos dados, observou-se que, quanto mais informal for o contexto, mais frequente será o uso do pronome "ele".

7 O OBJETO INDIRETO NULO DO PORTUGUÊS

O objeto indireto (doravante OI) nulo é um fenômeno sintático do português em que o objeto indireto do verbo é omitido, mas sua presença é inferida pelo contexto da frase e, em casos específicos, pelos pronomes tônicos. Os estudos de Yamauchi (2013) consideram que o objeto indireto anafórico se apresenta de três modos: clítico dativo *lhe*, preposição + pronome forte (*a/para ele(s)/ela(s)*) e forma nula fonologicamente. Denari (2013) afirma que essas características do OI do PB, além de ser encontrada na língua falada, podem ser facilmente identificadas na escrita e mostrou também que no PB está ocorrendo a diminuição do uso da preposição *a*, que é substituída pela preposição *para*, corroborando com Berlinck e Moraes (2006) que determinaram que essas características do objeto indireto do PB não acontecem no PE de forma alguma. Os estudos de (Freire, 2000, 2005; Cruz, 2007; Moraes, 2010 e outros) confirmam que o OI do PB está tomando um rumo diferente da norma do padrão e isso pode se constatar abaixo⁹:

16. PB: João deu o livro para/ pra Maria.
 17. PB: João deu o livro a ela/ para/ pra ela.
 18. PB: Deixa estar: tua mãe chegando, vou dizer-lhe para ela te dar umas palmadas.
 19. PB: Eu vi sim! A mamãe chegando, eu vou contar____
- Em (16), (17), (18) e (19) é apresentado exemplos claros da manifestação do objeto anafórico do português brasileiro e, assim, é possível observar que essas construções seriam aceitáveis no PA, pois durante a análise dos *corpora* foram encontradas estruturas semelhantes aos exemplos como podemos observar¹⁰:
20. PA: Expliquei minha situação a ele
 21. PA: Mo¹¹ primo uma vez me disse que li ligaram pra vir
 22. PA: Então, é isso ali que eu tento transmitir____
 23. PA: Há amigos que hoje em dias que falam para o Jota

⁹ Dados extraídos de Denari (2013, p. 46-47) renumerados em (29a-b), (31) e (32).

¹⁰ Dados extraídos de Manuel (2015, p. 102, 109, 111,112 e 115) retirados dos anexos.

¹¹ Mo é mesmo que meu.

Essa tendência em substituir a preposição *a* pela preposição *para* ocorre também no português angolano e, principalmente, com os verbos bitransitivos de transferência ou de movimento, conforme Berlinck e Moraes (2006). Isso demonstra que o PA está se aproximando bastante das estruturas morfossintáticas. Para Cunha e Cintra (2007) a preposição *a* é usada para transmitir noções de movimento (destino final da ação), enquanto que a preposição *para* liga dois termos que geralmente indicam intenções, finalidades destinatário, etc.

- 24. PA: Íamos para o Cubal
- 25. PA: No Moxico retornou para Benguela
- 26. PA: A primeira dificuldade que nós encontramos, não é, foi mesmo de arranjar transporte pra sair daqui pra o Lobito
- 27. PA: Houve momentos em que transportávamos problemas da casa para escola
- 28. PA: Vai para o ensino médio

Segundo a gramática tradicional, os dados (24) à (28) a preposição usada devia ser *a*, em vez de *para*, pois a preposição *a* é que transmite a noção movimento ou transferência, gerando um fim na situação, além disso os verbos enfatizam muito bem esse processo de movimentação.

Em relação ao objeto indireto nulo não referencial, Cyrino (1998) observou que, no PB, a maioria dos casos de OI nulo ocorrem principalmente com os verbos bitransitivos, pois, nestes casos, o objeto direto geralmente indica o elemento central da ação e é facilmente recuperável do contexto. Já o objeto indireto (OI) tende a ser um elemento secundário, frequentemente um pronome pessoal "lhe(s)", "a ele(s)", "a ela(s)", etc. No PA, também foi observado que esse fenômeno ocorre do mesmo jeito, como se pode ver em (29) à (32)¹²:

- 29. PA: A mãe do moço ouviu, disse___ "não"!
- 30. PA: Eu disse___ pois é, se tavas com medo, então vais ter medo porque você já me perdeu
- 31. PA: Eu disse___ tá bem.
- 32. PA: E eu disse___, não! Se não fosse eu, não.

A ausência de objetos indiretos pode ser percebida nas amostras (29) a (32), onde o pronome "lhe" seria utilizado para se referir ao destinatário.

¹² Dados extraídos de Manuel (2015, p. 94, 96 e 97) retirados dos anexos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O português, como qualquer outra língua natural, está sujeito a variações, pois os falantes sempre procuram maneiras mais simples e eficientes de se comunicar. Ao examinarmos o PA, é necessário deixar de lado as descrições da norma padrão para entender suas particularidades como uma variação autônoma. As variações linguísticas não devem ser consideradas como desvios da norma padrão, mas sim como um reflexo dos processos históricos, sociais e culturais que moldam a forma como falamos. Além disso, cada variação tem uma lógica ou explicação fundamentada na linguística.

Neste estudo, percebemos que a anulação dos objetos do PA ocorre tanto nos objetos diretos quanto nos objetos indiretos como recurso de substituição dos acusativos e é uma opção escolhida de forma voluntária pelos falantes. O OD nulo do PA pode ser não referencial ou de natureza pronominal, dentre os quais os angolanos preferem o objeto não referencial como objeto direto. Segundo Santana (2021), apenas 2% dos entrevistados em Luanda optaram pelo pronome lexical como objeto direto, em comparação com 49% que optaram pelo ON. Os objetos diretos nulos não referenciais, na maioria das vezes, têm os seus antecedentes menos animados, enquanto que os objetos nulos de natureza pronominal, os seus antecedentes são mais animados.

O objeto indireto nulo do PA também se apresenta como objeto não referencial e como pronome lexical *eles(s)* e *ela(s)* antecedido pelas preposições *a* e *para* e os verbos bitransitivos são os que favorecem mais a ocorrência deste fenômeno. Sobre o OI do PA, foi observado também a substituição da preposição *a* para preposição *para* quando se referia a verbos de movimentação com o objetivo de atingir um determinado destino.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Daiane Gomes. **Objeto Nulos (Acusativo e dativo) no português brasileiro: descrição e análise**. Dissertação apresentada para obtenção de título de mestre em Letras: Linguagem e representação, Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus/BA, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática do Português**. 37 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; Editora Lucerna. 2019.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lidley. **Breve gramática do português contemporâneo**. 12 ed. 2007.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. **Objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático - diacrônico**. Tese apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1994.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. **Objeto indireto no português brasileiro**. Signum. P. 35-54, 1998.

CRUZ, Adílson Góis da. **A expressão do argumento dativo no português escrito: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português Europeu**. Dissertação de pós graduação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

DENARI, Paula de Freitas. **A realização do objeto indireto nas redações dos alunos do ensino fundamental**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas como requisito para a obtenção do título de Mestre na Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. (Versão corrigida).

FERREIRA, Marcelo Barra. **Argumentos Nulos em Português Brasileiro**. Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística na Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2000.

FROMM, Guilherme. O uso de corpora na análise linguística. **Revista Factus**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A. 2002.

INVERNO, Liliana. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal. In Ana Carvalho (ed), **Português em contacto**. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert, 2005.

JANSEN, Heidi. **Objeto nulo no português: Observações sobre a sua problemática**. Dissertação de mestrado ao Departamento de Letras, Área de Estudos e Línguas Europeias/Faculdade de Letras Universidade de Oslo. Oslo, 2016.

KUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: Um guia prático**. Itabuna/BA: Via Literarum editora. 2010.

MANUEL, Félix Chinjengue Matias. **Aspectos do português falado em Benguela.** Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2015.

MARROQUIM, Mario. **A língua do nordeste (Alagoas e Pernambuco).** São Paulo: Companhia Editora Nacional. v. 26, s. 5. 1934.

MINGAS, Amélia A. **Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda.** 1. ed. Luanda: Chá de Caxinde, 2000.

MORAES, Maria Aparecida Torres. **Conversando sobre o objeto indireto nulo no português brasileiro.** Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista, v. 8, n. 1 p. 171-185, junho de 2010.

NEVES, Afonso Manuel; HENRIQUES, Eugénio António; DE ALMEIDA, Roberta Mirandela António. **Objecto directo nulo: Subsídio para o estudo do português angolano.** *In: Português de Angola: fonologia, sintaxe e lexicografia / Márcio Undolo, Alexandre António Timbane, Gaudêncio Kimuenho (Org.) – Belém: Home, 2023.*

SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; TIMBANE, Alexandre António. **Considerações sobre o português angolano e preconceito linguístico em Angola.** Letras em Revista. Teresinha, v.12, n.01, p. 169-187, jan./jun. 2021.

TORRES, Maria Aparecida C. R. Torres; BERLINCK, Rosane A. **A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrónicos e diacrónicos.** *In Para história do português brasileiro – Volume IV: Novos dados e novas análises / Tânia Lobo; Ilza Ribeiro; Zenaide Carneiro De Almeida (Organizadores). - Salvador – Ba, 2006.*

YAMAUCHI, Cássia Yukari. **Expressão do objeto indireto no português brasileiro: Testemunho linguístico em peças de teatro dos séculos XIX e XX.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas como requisito para a obtenção do título de Mestre na Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. (Versão corrigida).